

PROGRAMAÇÃO

CONFERÊNCIAS:

Entrada livre

12 de novembro, 15h00

Helena Roque Gameiro no Rio de Janeiro em 1920

Arthur Valle

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

19 de novembro, 15h00

Flor de água: Helena Roque Gameiro (1895-1986)

- *Aquarela e Artes Aplicadas*

(conferência seguida de visita guiada)

Sandra Leandro

(Universidade de Évora; IHA, FCSH,

Universidade NOVA de Lisboa)

3 de dezembro, 15h00

Roque Gameiro / Leitão de Barros:

Cumplicidades Artísticas e Afectivas

Afonso Cortez Pinto

(IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

25 de fevereiro, 15h00

Museus de Mulheres

Aida Rechená

(Museu Nacional de Arte Contemporânea

- Museu do Chiado)

MESA REDONDA:

18 de fevereiro, 15h00

Helena Roque Gameiro pelo olhar de quem a conheceu

Ana Mantero; Clara Ogando; Inês Mantero;

Joana Leitão de Barros;

Sandra Leandro (moderadora)

WORKSHOPS:

Gratuitos, mas sujeitos a inscrição para o endereço

electrónico: Vera.Ferreira@cm-amadora.pt

Limite: 15 participantes.

Atenção: Traga o seu material. Sugerimos: papel

aguarela, pincéis adequados, e aguarelas.

22 de outubro, 15h00

A partir da aguarela ao encontro da Flor de Água,

na exposição

Sílvia Léxico

4 de fevereiro, 15h00

A partir da aguarela ao encontro da Flor de Água,

na exposição

Tiago Costa

VISITAS GUIADAS:

Com Sandra Leandro

(Comissária da Exposição)

Gratuitas, mas sujeitas a inscrição para o endereço

electrónico: Vera.Ferreira@cm-amadora.pt

Limite: 20 participantes.

10 de dezembro, 15h00

14 de janeiro, 15h00

Local: Casa Roque Gameiro



AMADORA

Casa Roque Gameiro, Praceta 1.º de Dezembro, n.º 2 – Venteira, 2700-668 Amadora

ENTRADA GRATUITA

terça a sábado: 10h00-12h30 e das 14h00h-17h30, domingo: 14h30-17h30h - Encerra segundas e feriados

Telf.: 21 436 90 58 - Fax.: 21 492 92 39

www.cm-amadora.pt

FLOR DE ÁGUA

HELENA ROQUE GAMEIRO (1895-1986) - AGUARELA E ARTES APLICADAS

24 de Setembro de 2016 | 26 de Fevereiro de 2017

Esta exposição tem como objectivo apresentar, pela primeira vez, uma visão retrospectiva sobre a obra de Helena Roque Gameiro, tendo em conta não só a extensa produção como aguarelista, mas também a sua actividade como mestra de várias gerações. Organizada em cinco núcleos dispostos em duas salas, poderemos ver: «Helena Roque Gameiro em retratos e Helena representando o feminino»; «Das flores e dos frutos»; «Toca: uma casa encantada»; «Paisagens: janelas para outros lugares»; «Artes Aplicadas e muito bem aplicadas: a Professora Helena Roque Gameiro». Pretendemos assim estudá-la, identificá-la como pessoa e como artista, na tentativa de desenhar um retrato através da exposição, do catálogo e da respectiva programação.

Helena Roque Gameiro nasceu em 2 de Agosto de 1895, em Lisboa. Foi a segunda filha de Maria da Assunção e de Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), terceira numa ínclita geração de cinco: Raquel, Manuel, Helena, Mamia e Rui. Em 1898, veio viver com a sua família para esta Casa da Venteira, que sempre lhe deixaria saudades. Discípula de seu pai, seria mestra muito jovem, aos 14 anos no *atelier* da Rua D. Pedro V, em Lisboa, para onde muitas vezes apanhava o comboio a correr. Foi ali que expôs pela primeira vez, em 1911, com seu pai e irmã Raquel.

Depois muitas outras exposições se sucederam: várias na Sociedade Nacional de Belas-Artes; ou em mostras com os seus familiares das quais se destaca a apoteótica digressão com seu pai ao Rio de Janeiro e a São Paulo em 1920; em Madrid numa colectiva em 1923, e em diversas individuais: 1919, 1923, 1925, 1947, 1950, 1972. Em 1919, tornou-se mestra da Oficina de Lavoros Femininos da Escola de Arte Aplicada de Lisboa que daria origem à actual Escola Artística António Arroio, onde exerceu influente magistério durante décadas. Casou, em 1923, com José Leitão de Barros (1896-1967). Com um destino pouco comum para uma mulher do seu tempo, cedo ganhou independência económica, de decisão e de movimentos reunindo em si um misto de força e fragilidade. Filiada na estética Naturalista, adoptando os trilhos artísticos do pai, seguiu os seus caminhos até ao fim, aceitando simplesmente embelezar o mundo. Obra serena quer na temática, quer na técnica, revelou um modo de ser em acerto com o gosto do seu tempo, reconhecida pelos seus pares, foi acompanhada por boa fortuna crítica e êxito comercial. Faleceu em 26 de Abril de 1986, em Lisboa.

Sandra Leandro (Comissária da Exposição)

NÚCLEOS DA EXPOSIÇÃO



Helena Roque Gameiro – [*Menina a pintar*], 1917.
Ass. Aguarela, 23, 5 x 17, 5 cm.
Colecção particular.



Helena Roque Gameiro – [*Flores e panejamentos*], 1943.
Ass. Aguarela, 77 x 65 cm.
Colecção particular.



Helena Roque Gameiro – [*Alpendre da Toca*], n.dat.
[décadas de 50-60, séc. XX].
Ass. Aguarela, 26 x 34 cm. Colecção particular.



Helena Roque Gameiro – [*Torre e Casario*], c.1916.
Ass. Aguarela, 25,5 X 18 cm (s/moldura);
46,5 x 39 cm (c/moldura).
Colecção particular.



Helena Roque Gameiro – *Menino Jesus*.
Bordado, 58 x 41, 5 cm.
Colecção particular.

HELENA ROQUE GAMEIRO EM RETRATOS E HELENA REPRESENTANDO O FEMININO

Três retratos de Helena dão início ao primeiro núcleo: dois desenhos da autoria do pai, um acabado outro não, e um do marido que consagra também o interminado. Procuramos identificá-la, defini-la como pessoa e como artista na tentativa de desenhar um retrato através da exposição e do catálogo, sabendo que é apenas uma aproximação. Como a viram? Como a vemos, agora nós?

As aguarelas em que surge representação figurativa, não são as mais frequentes, todavia, quando ocorre é, em geral, a presença feminina que se impõe, sendo raríssima a figuração masculina. Esta circunstância não é exclusiva de Helena Roque Gameiro, as mulheres eram, por razões várias, modelos mais acessíveis para as pintoras daquele tempo. Nesta breve selecção pretendeu-se apresentar vários estados da mulher: sociais, económicos, etários. S.L.

DAS FLORES E DOS FRUTOS

«*Helena gostava de dalias, hortênsias, petúnias, e de fruta perfeita*».

Joana Leitão de Barros
- *Helena Roque Gameiro entre dois artistas* [Em linha].

“Floricultora” amável de exemplares primorosos na versão viçosa ou murcha, Helena Roque Gameiro pôs em cena a sua paixão pelas flores até ao final da vida e era ela que cuidadosamente preparava as jarras e as composições. Símbolo muito associado à mulher, a flor afigura-se frequentemente como um arquétipo da alma e cada uma tem um simbolismo próprio, que muitas vezes varia com a cor. Recordemos a linguagem de algumas flores que mais apreciava e representava: a dália amarela, significava, venturoso viver; a dália branca, candura; a dália cor-de-rosa, para que és cruel?; a dália escarlate, fogo de puro amor; a dália vermelha, és um portento; as hortênsias, não digas nada; a rosa representa fundamentalmente o amor; a rosa amarela, serás sempre o meu bem; a rosa branca sem perfume, afeição; a rosa branca com perfume, laços indissolúveis; a rosa encarnada, serei muito feliz; a rosa de tocar, suspirar; o crisântemo cujo termo significa flor do ouro tem no mundo Ocidental um

sentido de amor que terminou, ou paixão passageira; o malmequer – amor oculto... Temos, porém, que ter cautela com as interpretações literais, pois muitas vezes as composições regiam-se apenas pelo sentido estético e/ou prático, dos espécimes que floriam naquela época do ano. Todos os pintores de naturezas-mortas lidam com o embaraço do efémero, mas também com os modelos mais doces. Helena representou muitas vezes flores que exalam clara feminilidade em que a água colorida convida a imaginar perfumes de jardim combinados, por exemplo, com objectos de toucador. O carácter sensorial e breve de flores, frutos e vegetais é prolongado na ilusão que esta pintura de matizes ricos e variados oferece. S.L.

TOCA: UMA CASA ENCANTADA

A *Toca* foi a casa-refúgio de Helena Roque Gameiro e de José Leitão de Barros. Situada em Colares, o terreno foi adquirido com o produto da exposição individual «Flôres e outras aguarelas por Helena Roque Gameiro» realizada em 1947. Helena escolheu aquele pinhal deslumbrada pelo belíssimo desenho dos seus pinheiros mansos e, felizmente, alguns deles ainda sobrevivem. Por volta

de 1950, Leitão de Barros construiu a *Toca*, casa-cenário historicista e fantástica, com memórias medievalizantes, citações de volumes que dão forma aos palácios de Sintra, piscina com uma ilha ao centro e um panorama imenso. Foi criada em primeira mão para o casamento da filha. Maravilhoso abrigo com nome sonoro de casa de bicho (e logo nos lembramos do *Casulo* de José Malhoa), Helena cuidou dele com dedicação e esmero, dando particular atenção às flores e árvores do seu jardim. Tudo isso e o mais que dali podia avistar, foi representado em aguarela até ao final da vida. S.L.

PAISAGENS: JANELAS PARA OUTROS LUGARES

«*capaz de se emocionar por uma árvore derrubada*».

Joana Leitão de Barros
- *Helena Roque Gameiro entre dois artistas* [Em linha].

Helena Roque Gameiro viveu num tempo forte da representação exacta da Paisagem: o tempo longo do Naturalismo. Se a representação assenta na reprodução do que se observa, na capacidade de figurar a tridimensionalidade em planos sucessivos, concede também ao observador o gosto de se evadir para

outro lugar. Género pictórico retiniano, habitualmente sensível aos efeitos de luz, pretende estabelecer um contacto emocional com a natureza natural, ou construída. No cômputo geral da sua obra, a Paisagem foi o género mais cultivado. Na senda que lhe pré-existiu, também ela tentou captar a personalidade própria de um lugar e nesta exposição a sua pintura abre janelas para as arribas da praia das Avenças, na Parede; para a zona de Sintra, com Colares e Eugaria a levarem a dianteira, para Viana do Alentejo. Abrindo um panorama mais amplo, a sua obra rasgou vistas para muitos outros lugares: para diversas freguesias da Amadora; Minde, de onde seu pai era oriundo; Praia das Maças; Azenhas do Mar; Óbidos; S. Martinho do Porto; Avô; S. Gonçalo de Amarante; Porto; Nazaré; Queluz; Estoril; Lousa; Trás-os-Montes – Robor do Chão; S. Pedro do Sul; Santo Tirso; Serra da Estrela, entre outros. S.L.

ARTES APLICADAS E MUITO BEM APLICADAS A PROFESSORA HELENA ROQUE GAMEIRO

Helena Roque Gameiro teve um longo e profícuo percurso como Professora. Aos 14 anos já ensinava desenho no *atelier-*

escola de seu pai na Rua D. Pedro V, em Lisboa. Em 1919 tornou-se mestra da Oficina de Lavoros Femininos da Escola de Arte Aplicada de Lisboa, que daria origem à Escola Industrial António Arroio, actual Escola Artística António Arroio. Foi ali professora durante 25 anos e distinguida por essa actividade como Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública, em 14 de Junho de 1940. São vários os testemunhos do apreço das suas alunas e dos seus colegas. Neste núcleo podemos ver uma tapeçaria moderna, *bauhausiana*, com um padrão de motivos geométricos construída por si e por alunas da António Arroio. Das suas mãos privilegiadas, hábeis e esmeradas destacam-se os bordados com a delicada *Nossa Senhora com o Menino*, e o *Menino Jesus* enquadrado por uma grinalda de flores impossível e sobrepujando um coração flamejante. O vestido continua como uma interrogação. Teria sido concebido para um filme? Para um cortejo? Nenhuma dúvida para o maravilhoso *Paraíso* com Adão, Eva, a Árvore da Vida e outras duas a enquadrá-la, animais de escala reduzida em palco, ou nos troncos, os de maior porte em terra e os peixes no mar, a preto e branco, mas bordando todo o colorido da cena. S.L.

